

UMA MENSAGEM DE LEMBRANÇA AOS COLEGAS EDUCADORES MATEMÁTICOS QUE FALECERAM EM MARÇO DE 2008

*Luiz Carlos Pais¹
José Luiz Magalhães de Freitas¹
Marilena Bittar¹*

O início das atividades do segundo ano de funcionamento do nosso Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), cuja criação tornou-se possível graças a parceria com a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), foi marcado pelo mais triste e doloroso dos acontecimentos que foi o falecimento dos nossos colegas, os professores educadores matemáticos: Chateaubriand Nunes Amâncio, Ivonélia Crescêncio da Purificação, Renato Gomes Nogueira e Ronaldo Marcos Martins. Vítimas de um violento acidente de trânsito ocorrido na BR 163, entre as cidades de Campo Grande e Dourados, quando o veículo em que viajavam colidiu frontalmente com um caminhão. Nossos colegas perderam a vida no dia 7 de março de 2008, quando retornavam para a cidade de Dourados, após terem participado ativamente, em Campo Grande, nas atividades do II Seminário Sul-mato-grossense de Pesquisa em Educação Matemática, evento realizado com a intenção de iniciar as atividades anuais do nosso programa. Chovia muito na hora do acidente, ocorrido por volta das 14:30 horas. Havíamos trabalhado juntos até por volta do meio-dia. No dia anterior, após a solenidade de abertura do evento, o Chateau coordenou o lançamento do pri-

¹ Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

meiro número dessa revista, da qual era editor. Com a sua ausência, sentimos na obrigação de unir nossas forças para, por meio de um trabalho coletivo, tentar dar continuidade ao projeto.

Os quatro eram professores da Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia da Universidade Federal da Grande Dourados. Os professores Chateaubriand e Ivonélia faziam parte do corpo docente do nosso Programa. O professor Renato Gomes Nogueira, ex-aluno do Curso de Licenciatura em Matemática da UFMS, colega e amigo de longa data, estava preparando a defesa de sua tese de doutorado que seria defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS, sob a orientação da professora doutora Marilena Bittar. O professor Ronaldo Marcos Martins, recém aprovado em concurso público para professor da UFGD, estava iniciando sua participação em grupos de pesquisa da instituição e seria, certamente, mais um colega a contribuir com o nosso jovem programa.

Chateaubriand Nunes Amâncio (1968 – 2008) era casado com Genilda Maria Rodrigues e pai da Gabriela Krin Rodrigues Amâncio. Era graduado em Matemática pela Universidade Estadual de Londrina, onde concluiu o curso em 1996. Em seguida, realizou o mestrado e o doutorado na área de Educação Matemática no Programa da UNESP de Rio Claro, sob a orientação do professor Ubiratan D'Ambrósio. Sua dissertação de Mestrado, defendida em 1999, tem por título: *Os Kanhgág da Bacia do Tibagi: um estudo etnomatemático em comunidades indígenas*. Em 2004, defendeu sua tese de Doutorado que tem por título: *Uma Perspectiva Sociológica do Conhecimento Matemático*. Em 2006, o professor Chateaubriand foi aprovado em concurso público para ocupar o cargo de professor adjunto, em regime de dedicação exclusiva, na recém criada Universidade Federal da Grande Dourados, lotado na Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia, onde ministrou, no curso de Matemática, as seguintes disciplinas: Introdução à História da Matemática, Matemática Elementar Aplicada, Prática de Ensino de Matemática e Estágio Supervisionado. Nos anos de 2006 e 2007, atuou na linha de pesquisa intitulada Formação de Professores e Recursos Tecnológicos em Contextos Multiculturais, realizando projetos de pesquisa sobre a formação de professores de Matemática. No Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática

da UFMS, em convênio com a UFGD, ministrou as disciplinas *Seminário de Pesquisa e Aspectos Filosóficos e Históricos da Educação Matemática*. Em dezembro de 2007, foi eleito presidente da diretoria regional da SBEM, liderando uma chapa cuja proposta era integrar as diferentes instituições de ensino do Estado de Mato Grosso do Sul. Com o seu falecimento, os desafios de continuidade de organização dessa instituição no Estado serão muito maiores.

Para registrar algumas palavras em homenagem a sua memória, transcrevemos, nos próximos parágrafos, pequenos depoimentos livres de seus colegas e amigos, sendo que alguns dos quais foram coletados na lista de discussão da SBEM e outros solicitados por nós.

O Chateaubriand era um educador que tinha uma profunda visão humanista, social, política e cultural. Certa vez, disse para ele, com sinceridade, que eu via nele a serenidade dos velhos e experientes pajés, apesar de sua jovialidade. Ao presidir a comissão de seleção da segunda turma do nosso Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, fomos levados a atender a um pedido de revisão da prova escrita de um candidato que não fora aprovado: eu, ele, o Zé e o candidato que pediu a revisão sentamos à mesa para explicar os motivos da não aprovação. Confesso que ficou em minha memória a maneira como ele coordenou a conversa de maneira profundamente serena e educacional. Após a conversa, o candidato foi embora convencido dos equívocos cometidos e com a certeza que voltaria no próximo ano para concorrer novamente. Outro momento que marcou a nossa amizade foi quando ele esteve em minha casa; ofereci para ele algumas mudas de orquídea nativas da região, que cultivo no meu quintal. Ele ficou tão satisfeito que me retribuiu, dias depois, com algo que eu jamais esperava: meio quilo de sementes de milho nativo da cultura indígena, de cor preta, ameaçadas de extinção e que foram recuperados na região norte do Paraná. Ele estava distribuindo essas sementes para os índios com quem trabalhava lá em Dourados. Reparti essas poucas sementes com meu vizinho e certamente, no momento certo, elas darão os frutos e teremos o cuidado de guardar o necessário para não perder essa preciosidade genética, tal como, certamente, germinarão os sonhos educacionais que ele, serenamente, semeou entre nós. (Luiz Carlos Pais)

Fiquei chocada com a notícia. Conheci o Chateaubriand quando estive em Timor, em 2005. Quando lá cheguei, ele estava prestando uma consultoria para as Nações Unidas sobre o ensino de matemática na escola básica timorense. No pouco contato que tivemos, ele sempre se mostrou um profissional dedicado e um militante da educação matemática, sobretudo da etnomatemática. Lamentável! (Erondina Silva)

Realmente é uma perda inestimável. Não conheci Ivonélia, Ronaldo, ou Renato, mas o Chateau eu conheci em Belo Horizonte, por ocasião do ENEM. Ele fez comentários super inteligentes após uma palestra sobre etnomatemática e eu fiquei curiosa. Muito bom, ele. Saí até entusiasmada em tentar aquela vaga de professor visitante para a UFMS, se bem que era para Campo Grande - para poder colaborar com ele. Além disso, comprei uns livros naquele ENEM, e quando cheguei aqui e fui ler um dos livros, tinha um capítulo dele. Muito bem fundamentado, de se admirar. Bom, pelo menos ele contribuiu muito em vida, mas iria contribuir muito mais ainda. E o Renato deve ter passado os últimos anos da vida dele no aperto de um doutorado. Deus dê conforto às famílias deles! Todos sabemos que para morrer basta estar vivo e que todos vamos morrer, mas coisas assim sempre abalam demais. Um abraço. (Ana Lúcia Braz Dias)

Ivonélia Crescêncio da Purificação (1963 – 2008) era mãe da Ana Paula Stachovski que, após o acidente, viajou para a Alemanha em companhia do pai Oscar Stachovski. Ela era graduada em Matemática pela Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavai (PR) e tinha realizado o seu mestrado, na área da Educação, na Universidade Federal do Paraná (1999). Em 2004, concluiu o Doutorado em Educação, na área de currículo, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do professor Fernando José de Almeida, na linha de Novas Tecnologias na Educação, defendendo a tese intitulada *Cabri-Géomètre na formação continuada de professores das séries iniciais do ensino fundamental: possibilidades e limites*.

No período de 1998 a 2003, a professora Ivonélia pertenceu ao corpo docente da Universidade Tuiuti do Paraná. Desligou-se dessa instituição para fazer um estágio de pesquisa na Universidade de Bielefeld (Alemanha), onde trabalhou com o professor Gert Schubring. Ao retornar ao Brasil, foi professora da Universidade Federal de Rondônia, onde ministrou as disciplinas de Fundamentos e Prática da Educação a Distância e Didática. Deixou esta instituição para assumir a vaga do concurso público em que foi aprovada na Universidade Federal da Grande Dourados. Era líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Matemática e também participava do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Inclusiva GEPEI, ambos baseados na UFGD.

Suas principais temáticas de interesse eram *Educação e Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, Formação*

de professores e o uso de recursos tecnológicos na Educação Matemática em contextos multiculturais. Por ocasião da realização do IX Encontro Sul-mato-grossense de Educação Matemática, assumiu a vice-diretoria da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, SBEM/MS, na chapa liderada pelo professor Chateaubriand Nunes Amâncio. Em dezembro de 2007, passou a integrar o corpo de professores e orientadores do Programa de Educação Matemática da UFMS em parceria com a UFGD.

Para registrar algumas palavras em homenagem a sua memória, transcrevemos abaixo um texto gentilmente enviado pelo professor Schubring.

Lembro bem que foi o professor Ubiratan D'Ambrósio que me perguntou se aceitaria co-orientar a Ivonélia nas pesquisas que ela realizaria para sua tese de doutorado, durante a sua estada na Alemanha. Quando ela chegou pela primeira vez para trabalhar comigo na Universidade de Bielefeld, ela foi grávida; admirei muito a sua dedicação à pesquisa continuando a realizar o trabalho da tese mesmo neste período.

Eu a orientei na realização de pesquisas empíricas com professores de escolas alemãs e estabeleceu contatos com instituições e colegas aqui na Alemanha. Fiquei então muito satisfeito ao saber do êxito que ela obteve ao defender a sua tese em São Paulo e também do sucesso que teve no começo da carreira acadêmica. Foi com grande prazer que recebi o convite formulado pela professora Ivonélia, no ano passado, para ministrar cursos na Universidade Federal de Grande Dourados.

Com efeito, Ivonélia e Chateaubriand conseguiram organizar um ótimo programa de estudos durante a “Semana de Matemática”, realizada no final do mês de agosto 2007. Gostei profundamente da organização efetiva e de todo o espírito dos estudos e ainda da atmosfera colegial e afetuosa do evento. Lamento profundamente a perda desses colegas dedicados de maneira totalmente forte ao estabelecimento de uma nova instituição de ensino superior e de um programa inovador de pesquisas. Foram justamente Ivonélia e Chateaubriand que me levaram no ano passado do aeroporto de Campo Grande para Dourados na mesma estrada – e falamos muito sobre os perigos dessa BR! (Gert Schubring)

Outro depoimento sobre a Ivonélia nos foi enviado pela professora Andréia da Silva Quintanilha Sousa, do Departamento de Educação da Universidade Federal de Rondônia.

A minha amizade com a Ivonélia iniciou em outubro de 2005, período em que se realizou o concurso de provas e títulos para professora

adjunta, do Departamento de Ciências da Educação (DED) do Campus Porto Velho, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Nesse curso, ela passou em primeiro lugar e eu fiquei em segundo. No mês de março de 2006 tomávamos posse. Ela trabalhou na UNIR/DED apenas durante um semestre letivo, mas deixou marcas positivas por onde passou e quem a conheceu tem certeza da lacuna que ficou. Nossas IFES precisam do ânimo da Ivonélia, da alegria, do espírito coletivo, de sua competência profissional, do seu amor e respeito ao outro. Essa nossa amizade permaneceu e fortaleceu, através de e-mail, de encontro em Congressos, por telefone e, mais recentemente, por meio do Orkut.

Nossa convivência no período que moramos na casa do meu irmão Marcelo e da minha cunhada Rose, que a amaram de paixão, deixaram muitas lembranças. Nossas idas ao Mercado Público, conhecido por aqui como Mercado do 1, onde ela sempre comprava um delicioso tambaqui recheado para os nossos almoços de domingo na casa do meu irmão, casa essa que ela sempre dizia “essa casa tem uma dinâmica diferente”! Esse jargão pegou e até hoje o repetimos! Sua abertura para o uso das novas tecnologias na educação, as pedagogias inovadoras, a Educação a Distância. Seu carinho imenso pela família, seus pais, irmãos. A felicidade quando seu marido Óscar, como ela pronunciava, veio da Alemanha para conhecer Porto Velho. Sua dedicação e amor incondicional a sua filhinha, Ana Paula. Lembro-me das coisas fugazes, como andar no centro de Porto Velho olhando colares e pulseiras de sementes de açaí, de jarina, as famosas biojóias da região amazônica. A limpeza de pele que ela amou.

Não esquecerei nossos bate-papos sobre os mais diversos assuntos: moda, filhos, maridos, religião, cultura alemã, UNIR, Educação, novas tecnologias e EAD. Pois é! Ela vai deixar saudades, todos os colegas da UNIR que a conheceram guardam uma imagem positiva dessa figura humana iluminada. Vá com Deus, suas lembranças ficam! (Andréia da Silva Quintanilha Sousa)

Renato Gomes Nogueira (1960 - 2008) era pai da Isadora de Souza Nogueira e do Flávio Mirã de Souza Nogueira e dividiu sua vida com a Rosemeire Messa de Souza Nogueira, doutoranda do Programa de Educação da UFMS. Ele era licenciado em Matemática pela UFMS. Durante a realização desse curso, período de 1984 a 1987, atuou ativamente na política estudantil e sempre esteve engajado nas atividades acadêmicas. Concluiu o Mestrado em Educação Matemática na UNESP de Rio Claro, em 1996, defendendo sua dissertação que tem por título *Introdução ao ensino da Álgebra Elementar: o simbolismo algébrico nos livros-texto*, sob a orientação do professor Geraldo Perez.

O Renato foi aluno da primeira turma do Doutorado em Educação da UFMS e o primeiro aluno dessa turma a se qualificar. Estava preparando a defesa de sua tese, sob a orientação da professora Marilena Bittar, com estimativa de defesa para os próximos meses. Seu trabalho de pesquisa tem o seguinte título: *A formação do professor de matemática: um enfoque nos saberes sobre matemática e ensino de matemática a partir da problematização da prática*. O professor Renato ocupou o cargo de Secretário de Educação do Município de Dourados, entre 2001 e 2003, durante a administração do prefeito Laerte Tetila e estava envolvido em vários movimentos sociais da região de Dourados e do Estado de Mato Grosso do Sul. Por esse motivo, membros do MST – Movimento dos sem Terras - prestaram aos colegas falecidos uma comovente homenagem póstuma, por ocasião da cerimônia fúnebre, bem como fizeram vários líderes de comunidades indígenas da região de Dourados.

Para registrar uma pequena homenagem a sua memória, transcrevemos abaixo um depoimento do professor Denizalde que fora seu colega no tempo de graduação na UFMS.

Nós éramos muito estudiosos, nossa turma toda, era coisa linda de ver nossa turma, sempre aguerridos enfrentando a Matemática. Eu nunca vi um colega encher o professor para dar prova fácil, entendíamos que tínhamos que saber Matemática custasse o que custasse. Outra coisa, nossa turma não aceitava cola, era um compromisso com a Educação, saber Matemática. (...) Renato era um dos mais estudiosos da turma, ele tinha consciência do que significava pra ele esta chance de ser professor de Matemática. Na época, não tínhamos grandes sonhos, parecia que seríamos professores do ensino médio e fundamental e isso tava muito bom, não lembro de ninguém falando em ser professor universitário. No plano da política estudantil, fomos bem articulados, dirigíamos o debate sobre questões do curso, tínhamos uma participação decisiva na vida do departamento. Nossa relação com nossos professores do Departamento de Matemática era excelente, respeitávamos muito nossos professores e eles também demonstravam muito apreço pela nossa luta no Centro Acadêmico de Matemática e também no DCE. (Professor Denizalde)

O professor Luiz Carlos Pais traz algumas passagens relembando momentos de convívio com o Renato.

No mesmo ano que ingressei como professor da UFMS, em 1984, o Renato iniciou o curso de Licenciatura em Matemática e foi meu aluno

em algumas disciplinas. Além de ter sido seu professor, tornei seu amigo e parceiro em vários projetos, juntamente com o professor José Luiz Magalhães de Freitas. Gostaria de destacar quatro deles: a criação do Lema - Laboratório de Ensino de Matemática - nas dependências do Departamento de Matemática, da Revista do Lema, a fundação da regional da SBEM-MS e, talvez a mais importante de nossas parcerias tenha sido a criação de grupo de estudantes cuja formação floresceu em um clima político profundamente engajado, vivo, questionador e responsável. Certa vez, quando ele ainda era professor da UFMS no campus de Corumbá, num bar à beira do Rio Paraguai, tive a oportunidade de contar para ele minha trajetória de vida: filho de comunista preso em 1964, sapateiro por dez anos e minha fase estudantil em Belém, no Rio de Janeiro e no exterior. Como ele também vivenciou na infância a experiência de realizar trabalhos braçais, como servente de pedreiro, conversamos a propósito do compromisso e da aventura que consiste em se tornar educador, sem perder de vista uma referência política e existencial. Tínhamos muito em comum no plano político, educacional e humano. Lamento profundamente a perda de um amigo, de um colega e de um parceiro. (Luiz Carlos Pais)

Marilena Bittar, coordenadora do programa de pós-graduação em Educação Matemática, orientadora do Renato e parceira de trabalho do Chateau, também deixa registrado algumas palavras sobre eles.

Dia 7 de março de 2008 vai ficar marcado para sempre em minha memória. Na hora do almoço fui levar a Professora Adair Nacarato ao aeroporto. Ela havia feito a palestra de abertura do II SESEMAT e assistiu às apresentações dos trabalhos. Na ida para o aeroporto, me lembro que conversamos sobre o Programa, os desafios encontrados para conduzir um Programa novo e como estávamos fazendo para superá-los. Ela disse-me que gostou muito do “grupo daqui”; pessoas jovens, interessadas,... Era a sensação que eu tinha: o Chateau e da Ivonélia já faziam parte do no nosso Programa; o Ronaldo ia entrar em breve e o Renato, assim que defendesse percorreria o mesmo caminho. Retornei ao evento, fizemos as últimas apresentações e após isso, uma avaliação, com todos os participantes, das atividades desenvolvidas no II SESEMAT. Essa avaliação foi altamente positiva. Todos estavam muito satisfeitos, felizes, com altíssimo astral. Saímos do anfiteatro com esse clima: cheios de esperança. Fomos para o local do coquetel final e foi nesse momento que soubemos da tragédia. Impossível descrever o que aconteceu em seguida. O chão se abriu. Não dava para acreditar. A perda emocional foi enorme. A perda profissional também. Ainda não me recuperei de nenhuma delas. É preciso continuar, sem dúvida. É o que eles fariam; é o que estamos fazendo. Mas eles fazem muita falta.

Falar do Renato é algo muito dolorido e ao mesmo tempo instigante. Dolorido porque faz reavivar a ferida dessa perda tão precoce e as saudades aumentam. Instigante porque esse sempre foi o Renato. Eu já o conhecia muito antes dele ter sido meu orientando. Quando ele veio me procurar para que eu o orientasse em uma pesquisa sobre formação de professores, lembro-me bem que lhe disse: “Renato, essa não é a minha praia. Eu vou ter que começar a estudar praticamente junto com você e você vai precisar ser autônomo, além disso, vai ter que deixar um pouco de lado a política, senão o trabalho não anda.” Obviamente ele concordou imediatamente, com aquele sorriso e dizendo: “Deixa comigo Marilena, já tenho uma idéia do que vou fazer, só preciso do seu aval; e agora eu estou decidido a fazer esse doutorado, vou me dedicar integralmente, etc, etc...” Quem o conheceu pode imaginar perfeitamente essa cena! E o Renato começou o curso. Destacava-se entre os doutorandos, organizava grupos, era sempre muito animado. No Mestrado em Educação Matemática sua figura foi marcante: uma reunião com a presença do Renato sempre foi totalmente diferente de uma reunião sem ele. Renato sempre provocou, cutucou, disse o que pensava e, às vezes, até um pouco mais do que pensava. Ele foi daquele tipo de orientando que provoca a gente, pois tinha muita leitura, muita experiência e uma idéia que queria mostrar. Trabalhar com ele me fazia ficar vigilante. Renato faz uma falta enorme. Em nossas reuniões do grupo de pesquisa ou outras, muitas vezes me lembro dele e digo: “Se o Renato estivesse aqui ele diria...” Ou “Como o Renato dizia...”.

O Chateau é o tipo de pessoa que nos cativa logo de cara. Foi assim quando o conheci. Ele já veio para cá, para a UFMS, para participar do Mestrado, por meio da parceria com a UFGD. Ele era um profissional excepcional; altamente gabaritado e muito humilde. Alguém em quem a gente pode confiar e com quem podia contar sempre. Desde que ele entrou para o Programa, ele o assumiu plenamente. Não posso dizer que ele nos ajudou, pois nesse caso pareceria que o Programa não era dele também. Ele encampou a proposta, passou a fazer parte do colegiado, participava dos seminários, orientava uma dissertação, dava aula, e era editor dessa revista. Além, claro de outras atividades extras que fazemos e sempre nos esquecemos, como organizar eventos, fazer um seminário e etc. O Chateau tinha uma calma que era invejável, talvez fosse proveniente de sua sabedoria indígena. Mesmo diante de crises, de problemas, ele mantinha sempre aquela calma. Mas ele era firme. Tive aproximadamente 18 meses de convivência com o Chateau, e sinto uma falta enorme. (Marilena Bittar)

Ronaldo Marcos Martins (1976 - 2008) nasceu na cidade de Campinas, São Paulo, em 12 de julho de 1976. Era casado com a Morgana de Fátima Agostini Martins, pesquisadora da área de Edu-

cação Especial. Sua formação universitária e acadêmica foi realizada toda na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho. Concluiu o curso de Licenciatura Plena em Matemática nesta instituição, em 1998, no campus de Bauru.

Em seguida, fez o curso de Mestrado em Educação Matemática em Rio Claro, sob a orientação do professor Antônio Vicente Marafioti Garnica, defendendo, em 2001, sua dissertação de mestrado que tem por título: Projeto Pedagógico e Licenciatura em Matemática: um estudo de caso. Obteve o título de Doutor em Educação Matemática, em 2007, com a defesa da tese Cuidado de si e Educação Matemática: perspectivas, reflexões e práticas de atores sociais (1925-1945), a qual foi realizada sob a orientação do professor Antonio Carlos Carrera de Souza.

Durante sua trajetória de estudante da Pós-Graduação, participou da comissão organizadora de eventos científicos, como a Primeira Conferência Nacional sobre Modelagem e Educação Matemática, realizada em 1999, organizada pela UNESP de Rio Claro. Participou também da comissão organizadora do VII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática, realizado em 2003, também em Rio Claro. Desde a época em que era estudante de graduação, foi representante discente em diferentes órgãos colegiados da universidade. Participava do grupo de pesquisa História Oral e Educação Matemática.

O Ronaldo foi professor de Matemática na Faculdade Gennari e Peartree, em 2005, da cidade Pederneiras (SP), onde atuou nos cursos de Administração com Gestão de Informática e Sistemas de Informação. Foi membro também do corpo docente da Faculdade de Tecnologia de Jaú e da Faculdade Orígenes Lessa de Lençóis Paulista, onde desenvolveu projetos de avaliação dos anos iniciais da Educação Básica no município paulista de Mineiros do Tietê. Atou nesta instituição até o final de 2007, quando se desligou para assumir a vaga do concurso no qual fora aprovado, na UFGD, onde atuou nos cursos de Licenciatura em Matemática, Licenciatura Indígena (Teko Arandu) e no curso de Bacharelado em Química.

No dia em que aconteceu o acidente, o professor Ronaldo apresentou o trabalho “Aproximações entre história oral e

hermenêutica do Sujeito”, no II Seminário Sul-Matogrossense de Pesquisa em Educação Matemática, organizado pelo Programa de Educação Matemática da UFMS, como parte das atividades iniciais do ano letivo. Ao iniciar a apresentação do seu trabalho, Ronaldo disse que ele teria vindo para o Estado de Mato Grosso do Sul para ficar, no sentido de continuar nessa terra sua trajetória em prol da Educação Matemática.

Seu falecimento precoce, tal como o dos outros colegas, foi muito doloroso para todos nós. Não foi fácil tentar dizer algumas palavras para a Morgana, grávida, naquele momento em que faltavam poucos dias para o nascimento do filho deles. Tudo isso significou um duro golpe humano em todos nós e também na história educacional do nosso Estado, porque, certamente, como sua jovialidade, competência e simpatia teria muito a contribuir.

O Ronaldo apresentou vários trabalhos científicos em congressos e publicou artigos em periódicos da área, entre os quais destacamos: *Matemática: projeto pedagógico e avaliação*, no IV Encontro Nacional de Educação Matemática, realizado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em 1998; *Avaliação de um Projeto Pedagógico para a formação de professores de Matemática: um estudo de caso*, co-autoria com o Prof. Antonio Vicente Marafioti Garnica, publicado na Revista Zetetiké (1999), número 12. Em 2005, produziu o trabalho *Carro de boi, cama de palha... um pouco de história escolar no interior de São Paulo*, em co-autoria com Antonio Vicente Garnica; *Formação de professores de Matemática: análise de uma trajetória de pesquisa*. Trabalho apresentado nos “Seminários em Educação Matemática”, promovido pelo departamento de Matemática da Faculdade de Ciências da Unesp (FC), o primeiro semestre de 2003. História Escolar no Interior do Estado de São Paulo, (re)visitando o passado, UNESP, Rio Claro.

Para registrar uma homenagem ao Ronaldo, transcrevemos abaixo um obituário redigido pelo professor Vicente Garnica.

Ronaldo Marcos Martins (1976-2008): um obituário – “Eu sempre sonho que uma coisa gera, nunca nada está morto. O que não parece vivo, aduba. O que parece estático, espera. (Adélia Prado)”

O menino que entrou em minha sala, no Departamento de Matemática da UNESP de Bauru (SP), logo nos primeiros dias do ano letivo de

1995, era magro e sorridente. Não procurava por mim, mas pela professora Maria Regina Gomes da Silva, que o orientava num programa de estudos em Cálculo Diferencial e Integral, vinculado ao Programa de Apoio ao Estudante. Nascido em Campinas, em 12 de julho de 1976, Ronaldo Marcos Martins havia sido aprovado no vestibular VUNESP e começava a cursar a Licenciatura em Matemática. Alguns anos depois, solicitávamos uma bolsa à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), cujo tema era a avaliação do curso de Licenciatura – do qual ele era aluno e eu professor – que havia sido reestruturado completamente em 1991, logo após a incorporação da Universidade de Bauru pela UNESP. Estudamos juntos durante todo o tempo de graduação, de início elaborando o projeto e, logo depois, desenvolvendo o estudo durante dois anos, em meio às aulas, festas, reuniões e assembléias.

Ávido por viver, durante a graduação, todas as experiências que a academia proporciona, Ronaldo participou de órgãos colegiados, organizou eventos, desenvolveu seu projeto de pesquisa, conheceu Morgana Agostini – uma estudante de Psicologia que se tornaria sua esposa – e, ao final de 1998, pouco antes do término de seu curso de Licenciatura, submeteu-se ao exame de seleção do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP de Rio Claro e foi aprovado. Seu projeto inicial seria desenvolver um estudo de natureza histórica sobre a formação de professores de Matemática na região de Bauru. Essa proposta – que se tornaria mais tarde o trabalho de doutorado de Ivete Maria Baraldi, desenvolvido de 2000 a 2003 –, por sugestão dos professores presentes à entrevista de seleção para o Programa de Pós-graduação, deu lugar a um outro projeto: a ampliação e aprofundamento teórico daquele estudo no qual já vínhamos trabalhando nos dois anos da Iniciação Científica. O relatório “Avaliação de um projeto pedagógico para a formação de professores de Matemática: um estudo de caso”, aprovado pela FAPESP, foi publicado na Revista Zetetiké em 1999 e tornou-se semente da dissertação “Projeto Pedagógico e Licenciatura em Matemática: um estudo de caso”, desenvolvida na UNESP de Rio Claro, orientada por mim, defendida e aprovada em 2001 com apoio financeiro da mesma FAPESP. No período de 1999 a 2001, em Rio Claro, Ronaldo Marcos – o moço que, como freqüentemente brincávamos, tinha nome de cantor de bolero – foi também membro de órgão colegiado e participou ativamente do Grupo de Pesquisa-Ação (GPA), coordenado pelos professores Roberto Ribeiro Baldino e Antonio Carlos Carrera de Souza. Com outros membros desse grupo elaborou um trabalho sobre violência na escola. Sua dissertação, entretanto, não foi publicada, pois mal terminado o mestrado, Ronaldo já havia começado a procurar aulas.

Ao ingressar no doutorado do mesmo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP de Rio Claro, em 2003, sob a

orientação do professor Antonio Carlos Carrera de Souza, era docente de uma faculdade em Pederneiras, cidade próxima a Bauru, e já havia passado brevemente por outras pequenas instituições em Dracena e Registro, também cidades do interior do estado de São Paulo.

Tendo casado com Morgana, Ronaldo fixou residência em Jaú e, como todos os seus professores já haviam feito antes dele, viajava semanalmente para Rio Claro, cumprindo créditos e desenvolvendo seu trabalho de pesquisa. Em 2004, quando por um período breve o professor Carrera afastou-se do Programa de Pós-Graduação, assumi novamente sua orientação. Com essa alteração na orientação, o projeto inicial – cujo tema era como as mudanças em relação à Licenciatura em Matemática eram praticadas, efetivamente, pela comunidade de educadores matemáticos – voltou-se para as práticas escolares vigentes na região de Bauru no período de 1925 a 1945. A intenção era compreender como atores sociais vivenciaram a – ou foram excluídos da – formação escolar. Seguimos com esse projeto até o exame de qualificação, em meados de 2006, quando houve outra alteração de percurso e o professor Carrera voltou a assumir a orientação, mantendo o tema e dando a ele uma fundamentação radicada em Foucault – cujas leituras Ronaldo já havia iniciado, mas não aprofundado, em seu trabalho de mestrado. A proximidade com o professor Carrera permitiu que essa abordagem foucaultiana fosse efetivada – com o que se cumpria um dos desejos mais insistentes de Ronaldo – e o trabalho de doutorado “Cuidado de si e Educação Matemática: perspectivas, reflexões e práticas de atores sociais” foi defendido em 2007, quando Ronaldo já trabalhava em outras escolas de ensino superior na região de Bauru, nas cidades de Lençóis Paulista e Jaú. Manteve-se, no doutorado, o uso da História Oral como método, uma abordagem na qual vínhamos nos debruçando com mais ênfase desde a criação, em 2002, do Grupo de Pesquisa “História Oral e Educação Matemática”, do qual participávamos, à época, eu, Ronaldo, professor Carrera e vários outros pesquisadores e estudantes de distintas universidades do país.

No início do ano de 2008, pouco tempo após ter defendido seu doutorado, Ronaldo Marcos Martins e sua esposa mudaram-se para o Mato Grosso do Sul, pois ele havia sido aprovado em concurso público para a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Creio que com essa aprovação um outro desejo insistente de Ronaldo tornava-se realidade: participar de uma universidade que – ao contrário das pequenas faculdades privadas em que ele havia atuado até então como docente – tinha a pesquisa como uma de suas principais intenções. O afastamento causado por minha desistência de orientá-lo no doutorado não permitiu que eu acompanhasse em detalhes essa fase em que as novas perspectivas foram se abrindo. Durante o último ano nos víamos pouco, mas num desses momentos de encontro, ao final de 2007, contou-me que Morgana – que pouco antes dele havia defendido

o doutorado em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – estava grávida do primeiro filho, que se chamaria Bento. Nas últimas mensagens que trocamos, nas duas semanas anteriores ao trágico acidente, relatou-me com mais detalhes suas expectativas: já havia elaborado projeto de investigação e submetido à uma agência de fomento à pesquisa do Mato Grosso do Sul e várias outras possibilidades de investigação surgiram face à proximidade com o professor Chateaubriand Nunes Amâncio, o Chateau, docente da mesma UFGD, para projetos conjuntos em que a Educação Indígena, a História Oral e a Educação Matemática se entrelaçavam. Vinculou-se ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Matemática (GREPEMAT) da UFGD e continuava vinculado ao GHOEM (Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática), do qual participa também a professora Sílvia Regina Vieira da Silva, da UFMS: um núcleo de jovens pesquisadores com formação e interesses próximos prometia intervenções substanciais não só no que diz respeito à Educação Matemática no Mato Grosso do Sul, mas também na configuração de um panorama de pesquisa alternativo, reforçado pela existência do mestrado em Educação Matemática e da recente criação do doutorado em Educação em Campo Grande.

Nas relações que mantive com Ronaldo é difícil dissociar o que foi nossa vida acadêmica, pública, e o que foi nosso contato pessoal: penso que em nossas trajetórias essas regiões sempre se confundiram, sempre caminharam amalgamadas. Estivemos próximos, Ronaldo e eu, durante todo o tempo em que se deu sua formação em nível superior. Mais que isso, estivemos próximos em outras cercanias da vida: fui seu padrinho de casamento; viajamos juntos, em família, várias vezes. Frequentava a casa que ele e Morgana cuidadosa e responsabilmente construíram em Jaú, uma casa que tinha a marca indelével de seus moradores, nas paredes de cores fortes, no banheiro de dois chuveiros, no quintal onde corriam os cães, nos corredores em que se escondiam os gatos. Discutíamos muito: desde abordagens teóricas e metodológicas em Educação Matemática até seu gosto pelos programas de televisão, sua preferência por camisas de gola pólo, a necessidade de um cuidado maior com a alimentação e sua fé – compartilhada por Morgana e aparentemente inabalável – em algo místico, que a tudo transcendia.

Essa fé talvez nos sirva, agora, para ultrapassar a constatação de que em março de 2008 Ronaldo e mais três colegas, todos jovens pesquisadores em Educação Matemática, atuantes no Mato Grosso do Sul, nos deixaram tão precoce, trágica e inesperadamente. É a esses quatro professores e, em especial, ao Ronaldo, de quem fui mais próximo, que dedico não este texto, mas o esforço de escrevê-lo nesse momento em que a tristeza ainda impede de vermos o mundo como algo além de uma seqüência de armadilhas. A chegada de Bento, filho de Morgana

e Ronaldo, prometida para o final de março, trará mais alento à minha esperança de dar, sinceramente, ao poema de Adélia Prado, um sentido que ultrapasse a mera intenção de epígrafe. (Antonio Vicente Marafioti Garnica)

O professor José Luiz Magalhães de Freitas registrou algumas lembranças sobre a perda dos colegas, através das seguintes palavras:

É muito triste e difícil dimensionar o vazio deixado por esses quatro colegas para Educação Matemática aqui no Mato Grosso do Sul. É como se passasse rapidamente um filme sobre vários momentos vividos com eles. O Renato foi com quem convivi por mais tempo, desde a época em que foi meu aluno do curso de Matemática na UFMS, aqui em Campo Grande. Renato sempre foi extremamente atuante na vida acadêmica. Enquanto era aluno do curso de Matemática participava de todas as atividades, da revista do LEMA - Laboratório de Ensino de Matemática, de projetos, seminários, encontros e também da política estudantil e da vida universitária. Ele não se omitia diante de situações conflituosas, tanto de natureza acadêmica quanto de política partidária, sempre conseguia manter o bom humor por mais tenso que fosse o debate. Em 1987, tive o prazer de participar com ele, juntamente com o Luiz Carlos Pais e outros professores de Matemática, da organização do 1º Encontro Sul-mato-grossense de Educação Matemática e da criação da Regional da SBEM do Mato Grosso do Sul, da qual ele foi o primeiro presidente. Participei também de sua banca de mestrado em Educação Matemática na UNESP, no ano de 1996. Depois disso ele continuou sempre atuante, tanto na política acadêmica quanto partidária.

Conheci o Chateaubriand Nunes Amâncio (Chateau) no ano de 2006, quando ele participou do processo de criação do nosso Programa de Mestrado. Depois disso, em 2007, ele participou da banca de mestrado de uma orientanda minha, de uma disciplina e do colegiado do nosso programa, da semana de Matemática em Dourados e do processo de constituição da nova diretoria da SBEM-MS para a qual foi eleito, em que presidi a comissão eleitoral. Também em 2007, durante o IX ENEM em Belo Horizonte, ficamos hospedados no mesmo quarto do Hotel e pudemos conversar tanto sobre livros, trajetórias de vida e idéias para dinamizar a atuação da SBEM, como em relação à Educação Matemática em nosso estado. Eu me recordo de duas metas que ele gostaria de ver implementadas: uma era buscar meios para um maior envolvimento dos professores de Matemática da Educação Básica com a SBEM-MS e a outra, complementado essa, era criar um site para a SBEM-MS, como elemento para dinamizar a participação dos associados. No último Encontro Estadual que realizamos em dezembro/2007, o Chateau e a Ivonélia foram eleitos diretor e vice da SBEM/MS e o Renato como integrante da comissão editorial da diretoria.

O Chateau e a Ivonélia tinham entrado de corpo e alma no nosso programa de mestrado. Para este ano de 2008 estava previsto que ambos iriam ministrar disciplinas e orientar alunos. O Chateau era membro do colegiado, foi coordenador da última comissão de seleção e era o editor desta revista do programa. Aliás, durante o seminário realizado na quinta e sexta-feira, ele fez o lançamento desta revista, na qual trabalhou bastante, desde a escolha da capa, formatação geral e organização dos textos. No número de lançamento ele inicia o editorial da revista com a frase: Abre-se uma nova janela! De fato ele realmente abriu, agora cabe a nós todos mantê-la aberta.

Fiquei conhecendo o Ronaldo durante o II SESEMAT. Ao iniciar a apresentação do seu trabalho: “Aproximações entre história oral e hermenêutica do sujeito”, no final da manhã da sexta-feira, enfatizou o aspecto do “cuidar de si” e disse que tinha vindo para o Estado de Mato Grosso do Sul para ficar. O Ronaldo estava ansioso para voltar, pois havia deixado a esposa grávida de oito meses, talvez não tenha cuidado de si como deveria. Foi sepultado em Dourados e ficou realmente aqui em nosso estado.

A morte desses quatro educadores vai ficar marcada na História da Educação Matemática do Mato Grosso do Sul, como mostra a notícia publicada no site da SBEM: “Faleceram no acidente o professor Chateaubriand Nunes Amâncio, atual diretor da Regional do Mato Grosso do Sul da SBEM, a professora Ivonélia Crescêncio da Purificação, vice-diretora, o professor Renato Gomes Nogueira, primeiro diretor da Regional, e membro da atual diretoria, e o professor Ronaldo Marcos Martins. (José Luiz Magalhães de Freitas)

Ao finalizar essas palavras, em nome do corpo de docente do programa, bem como de todos os mestrandos e funcionários, gostaríamos de externar nossos sentimentos a todos os familiares dos quatro colegas cuja imagem continuará viva em nossas memórias. Eles faleceram em plena construção de um projeto coletivo para a expansão do grande movimento nacional que é a Educação Matemática. Passados alguns meses, ainda não é possível para nós avaliar a extensão da falta que eles nos fazem. Mas, conhecendo bem o ideal de perseverança de cada um, somente nos resta uma única alternativa que é recompor forças e estratégias para consolidar nosso jovem programa.